

**A IDENTIDADE E A MEMÓRIA EM POEMAS
AFRODESCENDENTES NA “OBRA POÉTICA” DE SOSÍGENES
COSTA: UMA BREVE ANÁLISE**

Heráclito Júlio Carvalho dos Santos (SEDUC-PI)

heraclitocarvalho professor85@gmail.com

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

raimundacelestina@cchl.uespi.br

RESUMO

O presente trabalho analisará aspectos da identidade e memória negra dos africanos em alguns poemas de Sosígenes Costa, poeta em que o ‘eu lírico’ traz elementos temáticos que apresentam musicalidade e ritmo. Observou-se, após investigação, a diáspora negra nos seus poemas com temática afrodescendente por meio de cuidadosa pesquisa. A pesquisa é de cunho exploratório do tipo bibliográfico, com consulta a materiais didáticos como livros, artigos, dissertações, teses, dentre outros. Para fundamentar a pesquisa, o corpo teórico que instrumentalizou os aspectos de identidade e memória foram Hall (2011), Bhabha (2005), Cuti (2010) e Duarte (2005); teóricos que abordam a memória negra e a crioulação como Fannon (2008), Gilroy (2017) Malafaia (2007), dentre outros. A memória retratada nos poemas apresenta o viés tanto individual como coletivo apoiada em teóricos da memória como Halbwachs (2005), Leal (2006), Lima (2008), corroborando, assim, que os poemas de Sosígenes retratam o passado ressignificado através da poesia e da já citada diáspora negra. Desse modo, a pesquisa se justifica-se pela ausência de trabalhos sobre a temática, o que a torna relevante e necessária. Por fim, na obra Sosigeneana, a identidade e memória são atestadas e ratificadas através da análise de alguns de seus poemas, em que o negro é retratado como estereótipo e sujeito subalterno na hierarquia social brasileira.

Palavras-chave:

Identidade. Memória. Afrodescendência.

ABSTRACT

This study aims to analyze aspects of the identity and memory of black Africans in some poems by Sosígenes Costa, a poet who worked with a ‘lyrical self’ whose thematic elements present musicality and rhythm. After investigation, the black diaspora was discovered in his poems with Afro-descendant themes through careful research. The research is exploratory and bibliographic in nature, with consultation of teaching materials such as books, articles, dissertations, theses, among other materials. To support the research, the theoretical body that instrumentalized the aspects of identity and memory were Hall (2011), Bhabha (2005), Cuti (2010) and Duarte (2005); theorists who address black memory and creolization such as Fannon (2008), Gilroy (2017) Malafaia (2007), among others. The memory portrayed in the poems presents both an individual and collective bias, supported by memory theorists such as Halbwachs (2005), Leal (2006), Lima (2008), thus corroborating that the lyrical “I” in Sosígenes’ text portrays the past re-signified through poetry and the aforementioned black diaspora. Thus, the research is justified by the scarcity of literature on the subject, which makes it relevant and necessary, since there are few works from this perspective. Finally, in Sosigene’s

work, identity and memory are attested and ratified through the analysis of some of his poems, in which the black person is portrayed as a stereotype and a subordinate subject in the Brazilian social hierarchy.

Keywords:

Identity. Memory. Afro-descendant.

1. Introdução

Este artigo é resultado de pesquisa de Mestrado e visa fazer uma breve análise da memória afrodescendente nos poemas do autor baiano Sosígenes Costa, contidos no livro “Obra Poética”.

O referido livro trata de temas como racismo, escravidão, a diáspora africana, assim como revela uma poesia de intensa subjetividade e elementos como saudade e as palavras pertencentes ao vocabulário afrodescendente. O autor é marcado por um eu lírico singular, explora temas como escravidão, cultura e memória afrodescendente e a lembrança de figuras históricas como Zumbi dos Palmares.

A sua poesia é caracterizada por um fluxo de consciência, realidade fraturada e uma linguagem carregada de termos africanos de populações que povoavam principalmente a costa oeste do continente.

O aporte teórico que nortearam o estudo se deu pelos estudos de Gilroy (2001), Damulakis (2009), Cuti (2017), Hallbwachs (2005). O presente estudo assenta-se na abordagem qualitativa, através de estudos exploratórios do tipo bibliográfico.

Nessa ótica, pelo trabalho empreendido, pode-se afirmar que a poesia de Sosígenes Costa apresenta uma miscelânea de traços estilísticos parnasianos, simbolistas e, também, barrocos, contudo o poeta aproxima-se do Modernismo, principalmente por demonstrar alguns recursos intertextuais privilegiados pelos escritores modernistas, como a paródia. Podemos ressaltar, ainda que, em virtude da demora do próprio Sosígenes Costa em publicar a Obra Poética, dificultou a inserção do escritor no panorama literário nacional.

Por essa razão, depois de mais de um século do nascimento desse poeta prescinde de maior visibilidade no cenário literário e cultural do nosso país.

2. Memória afrodescendente nos poemas de Sosígenes Costa

Os poemas de temática afrodescendente de Sosígenes Costa possuem temáticas que englobam desde o uso da língua até as tradições negras. Mas o

aspecto da memória nesses poemas chama a atenção. Muitos dos poemas são representações da ancestralidade dos povos originários da África, principalmente de povos como Geges, Nagôs¹, entre outros.

A herança e a ancestralidade são temáticas recorrentes nas memórias dos poemas sosigeneanos. Muitos dos poemas representam uma diáspora de desejo de volta à terra ancestral. As palavras e expressões são derivativas dessa memória ressignificada.

Poemas como “Seren de santo”, “Cantiga de Canavial”, “Cantiga Banto”, “Negro Sereio” retratam o negro como sujeito enunciatador do discurso ao revisitar as suas raízes africanas retratando um desejo ao retorno do passado livre da opressão. E esta enunciação abre espaço na poesia do poeta baiano para reflexões de como o negro foi explorado, maltratado e jogado às covas no conceito da hierarquia social. Em “Negro Sereio”, esse elemento é representativo desse aspecto, incluindo-se aí a musicalidade do poema, que retrata o passado através dos signos que representam a cultura dos povos originários como pode ser ilustrado no seguinte trecho:

Foi D. Pedro quem me fez
Este manto de conchinha
Se abaixando pelo mar.
Minto.
Foi Xangô que me fez isto
Se abaixando pelo mar.
Foi por causa deste manto
Que venci em Pirajá.
(1978, p. 184)

A evocação à figura de Dom Pedro, imperador do Brasil na época, e depois, de desmentir a afirmação dizendo que foi Xangô que construiu certo “manto de conchinha”, aciona a memória individual para a vivência no coletivo. Sobre isso Halbwachs, através de Luana Leal assevera que:

Considerando primeiramente o caráter psicológico da memória, é automática a ideia de que ‘lembrar’ de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre daquele fato e que possa relatá-lo e guardá-lo. Temos então, a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações e podemos classificá-la como ‘memória individual’. (Leal, 2018, p. 2)

Sendo assim, o poema citado apresenta as raízes africanas através das línguas, das tradições, da dor da diáspora, da saudade do continente que lhe foi tirado, extraído à força. Sosígenes era profundo conhecedor da tradição e se preocupou em mostrar essa memória através de personagens como Zumbi dos Palmares.

¹ Línguas Africanas do oeste da África.

Assim, temos também no poema “Cantiga de canavial” uma ilustração do aspecto da memória, como forma de ressurgir o passado:

Não posso mais chupar cana
com sossego e com descanso.
De que serve tanto açúcar,
se em meu peito há tanto fel?
Apanhei já de chicote
dos soldados de Pilatos.
Já me botaram no tronco.
Eu sou um Cristo no mundo.
Eu não quero desertar
pro quilombo de Zumbi.
Quero ir é para Angola.
Já sofri demais aqui.
(1978, p. 181)

Conforme visto acima, o passado é vivido pelo eu lírico negro e retratado por frases que evocam o passado diaspórico. O afrodescendente enquanto sujeito historicamente foi alvo de preconceito, exclusão, desaparecimento da sua cultura, raiz e disperso de seu continente. Sosígenes traz à tona a memória dos negros através de suas lutas e sofrimentos. A memória é um mecanismo que no texto guia a um mundo subalterno e de alteridade e poder.

É possível afirmar que “Cantiga de canavial” mostra que a memória individual é fruto das experiências e vivido coletivamente, tal qual se apoia na teoria de Halbwachs (2006), que o vivido coletivamente deixa marcas nas pessoas.

Segundo Malafaia (1978), o ciclo memorialista retrata não apenas os negros, mas Belmonte e suas paisagens, seu passado e sua tradição. O trecho de “Case Comigo Mariá!” retrata essa perspectiva em sua obra:

Ah! Como é linda esta roda
Às sete horas da noite
A hora em que a lua cheia
Acabou de sair do mar,
Iluminando Belmonte
Com todas as suas ruas de areia.
(1978, p. 160)

O retratado no poema mostra que a paisagem de seu local de origem é muito comum para retratar o passado em sua obra. No trecho anterior, a noite é retratada com boa dose de nostalgia, ainda que imediatista, mas Sosígenes capta a essência de seu lugar de origem.

Halbwachs (2006) é bem claro quando assevera no trecho a seguir que:

Acontece com muita frequência que atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma, senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. (Halbwachs, 2006, p. 31)

Desse modo, na ótica do autor acima citado, as experiências do vivido são experienciados pelo grupo coletivo ao qual um cidadão pertence. O outro nos faz guardar as nossas próprias memórias, no vivido como Halbwachs deixa claro, deixando transparecer que parte da interação com o outro no grupo social é uma forma de pertencimento.

Em termos gerais, Halbwachs (2006, p. 19) discorre sobre a noção de memória individual que esta nem sempre se dá através da memória coletiva, como claramente o autor deixa explícito no texto, sobretudo na primeira parte do seu livro *A memória coletiva*. As lembranças são acionadas a partir do momento da nossa vivência enquanto sujeito social, cultural, entre outras objeções. E estritamente individual é a nossa memória afetiva, mesmo que para lembrar de acontecimentos vividos em coletivo social.

Tudo se passa aqui como no caso dessas amnésias patológicas que se referem a um conjunto bem definido e limitado de lembranças. Constatou-se que algumas vezes, após um choque cerebral, é apagado da memória o que se passou em todo um período, em geral antes do choque, remontando até certa data, enquanto nos lembramos de todo o resto. Ou esquecemos toda uma categoria de lembranças da mesma ordem, qualquer que seja a época em que as adquirimos: por exemplo, tudo o que sabemos de uma língua estrangeira, e dela somente, como enfatiza Halbwachs (2006, p. 21).

O passado da memória afrodescendente nos poemas de “Obra Poética” é retratado conforme foi dito nas considerações iniciais deste artigo, sendo que o negro é representado como estereótipo e um sujeito que quer sua voz ativa, levantada contra o sistema de representações sociais do Brasil colônia, império e primeira república.

Para Leal (2018), a memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado. Partindo dessas definições cotidianas para um termo que perpassa por áreas como Psicologia, Filosofia e Sociologia e que já foi estudado igualmente por pesquisadores dessas mesmas áreas, cabe classificá-lo, então, como multimodal, multidisciplinar e multidimensional.

Nessa perspectiva, situando a memória no campo da pesquisa, objetiva-se neste trabalho discutir alguns aspectos referentes à memória, no seu caráter social, sobretudo pelo que apresenta o teórico Maurice Halbwachs (1877–1945), uma vez que é a partir de seus estudos que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. (Halbwachs, 2006).

Ao conhecer a cultura e a ancestralidade de tal povo, O poeta apresenta os anseios, angústias e a diáspora do povo afrodescendente da Bahia. Tome-se como exemplo os três primeiros versos de “Cantiga de Canavial” que retratam muito desse passado revisitado e o desejo da diáspora:

Não posso mais chupar cana
com sossego e com descanso.
De que serve tanto açúcar,
se em meu peito há tanto fel?
Apanhei já de chicote
dos soldados de Pilatos.
Já me botaram no tronco.
Eu sou um Cristo no mundo.
(Sosígenes Costa, 1978, p. 181)

Essa forma direta e sem rodeios, pode ser vista no trecho que trata do chicote, o qual é retratado na segunda estrofe, representando a opressão do colonizador sobre o colonizado no tocante à dominação por armas e pela pólvora.

Nesse sentido, a memória é retratada de forma subliminar e com utilização de metáforas, como observado no trecho: “Apanhei já de chicote / dos soldados de Pilatos. / Já me botaram no tronco. / Eu sou um Cristo no mundo.” Teóricos da memória como Jacques Le Goff e Paul Ricoeur (2003) analisam a memória em perspectiva macro, em que o vivido é guardado muitas vezes através da transmissão pela oralidade e ressignificado. Gerana Damulakis (1996, p. 45), a respeito da memória, diz que “o memorialismo nesses poemas não se restringe a mera evocação do passado, ele surge de uma relação fatal”.

Ricoeur (2003) é enfático ao relacionar a memória com a história e seu deslocamento. Nesse aspecto, afirma:

Proponho-me aqui extrair as consequências mais interessantes deste deslocamento de ponto de vista no que diz respeito à relação entre a memória e a história. Se a tratarmos de um modo não linear, mas circular, a memória pode aparecer duas vezes ao longo da nossa análise: antes de mais, como matriz da história, se nos colocarmos no ponto de vista da escrita da história, depois

como canal da reapropriação do passado histórico tal como nos é narrado pelos relatos históricos. Mas esta modificação do ponto de vista não implica que abandonemos a descrição fenomenológica da memória em si, seja qual for a sua ligação com a história. Não poderíamos falar seriamente da reapropriação do passado histórico efectuado pela memória, se não tivéssemos considerado previamente, os enigmas que incomodam o processo da memória enquanto tal. (Ricoeur, 2003, p. 2)

Essa “reapropriação do passado histórico efetuado pela memória” que Ricoeur tanto preza se dá em plano material ao falar da luta contra a opressão e a lembrança da escravidão como algo a ser proposto. E esse vivido que tais teóricos impulsionam para analisar seus efeitos, surge na obra de Sósígenes de forma direta, firme e sem rodeios, sem figuras de linguagem e sem meias palavras.

Outra passagem do poema que retrata pela forma direta e sem rodeios, denotando que eu lírico cansou de sofrimento, é retratado no seguinte trecho:

Eu não quero desertar
pro quilombo de Zumbi.
Quero ir é para Angola.
Já sofri demais aqui.
(1978, p. 181)

No trecho do poema, notamos que o quilombo, que serviu de base para negros evadidos do seu local de escravização e fundado pelo herói da honra deste povo, Zumbi, pertence ao passado, representando a opressão e amarras. Lembra que os negros fugidos da escravidão tentaram fundar uma cidade, evocando uma memória pouco afeita ao passado lutador e guerreiro do povo negro.

Esse passado que remete inclusive aos griôs², guardadores de história e conhecimento que repassam através da tradição oral, como inclusive fica explícito no trecho do livro “Toque do griô” de Heloísa Pires e Leila Leite Hernandez (2010), quando estas ressaltam a grandeza da contação e repasse de histórias e lutas do povo negro, como se pode ler a seguir:

Muitas vezes com música e coreografia, eles contam também verdades antigas. Perceba que eles cantam as grandes realizações dos heróis, sua bravura e capacidade de exercer a justiça. Dessa maneira, aparentemente divertida, às vezes denunciam os desonestos e os ladrões, um jeito de mostrar o exemplo a ser seguido. (Pires; Hernandez, 2010, p. 46)

² Griôs (ou *Griots*, em Francês) Eram portadores de conhecimentos em diversas áreas e guardadores e transmissores da memória oral dos ancestrais de povos africanos anteriores a eles.

Tais “verdades antigas” de que o trecho fala podem ser identificadas no poema em questão, porque há traços da memória tanto coletiva quanto individual, como decanta Halbwachs em seus textos.

Nesse contexto, Leal assevera que:

Diversos são os fatores que contribuem para que uma lembrança venha à tona, seja individualmente ou em grupo. Na recorrência a essa memória, muitas vezes, é necessário retornar ao momento do fato ocorrido e nesse retorno identificar, além das pessoas envolvidas, o momento em que aqueles fatos ocorreram. Nessa perspectiva, ganha destaque nos estudos de Halbwachs, a noção de tempo. (Leal, 2018, p. 6)

Como podemos constatar, Sosígenes Costa retoma o fato passado nos poemas citados e analisados aqui. A noção de tempo no qual Halbwachs (2006) corrobora remete ao negro no tempo da escravidão no Brasil.

Tanto que no poema “Seren de Santo” o passado da escravidão no Brasil é relembrado através da memória no seguinte trecho:

O poder de evocação
que há neste canto ideal,
cantado nesta macumba
em sua festa anual,
nos leva ao tempo em que o santo
descia aqui sideral
para abraçar os escravos
da Bahia colonial,
da Bahia dos sobrados
no estilo dos jesuítas
e ostentado justamente,
como escudo armorial,
uma pomba dos amores
sobre fundo vegetal
tendo um ramo de oliveira
em seu bico de coral,
com a legenda da esperança
e da paz universal.
(Sosígenes Costa, 1978, p. 170)

Ao observar o trecho “O poder de evocação / que há neste canto ideal, / cantado nesta macumba / em sua festa anual,” constatamos o culto das religiões afrodescendentes como instrumento de preservação da memória do continente africano que corre nas veias dos escravos.

Para Halbwachs (2006) a “memória coletiva espacial” é um grande legado, o qual ele retrata muito bem, no seguinte trecho:

Os diversos quarteirões, no interior de uma cidade, e as casas, no interior de um quarteirão, têm um lugar fino e estão também ligadas ao solo, como as árvores e os rochedos, uma colina ou planalto. Disso decorre que o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto o aspecto das ruas e dos edifícios

permanece idêntico, e que há poucas formações sociais ao mesmo tempo estáveis e ainda seguras de permanecer. Paris e Roma, por exemplo, apesar das guerras, das revoluções e das crises, parecem ter atravessado séculos sem que a continuidade de suas vidas tenha sido interrompida só por um momento. O corpo nacional pode ser presa das mais violentas convulsões. O cidadão sai à rua, lê as notícias, mistura-se aos grupos que as discutem, é preciso que os jovens corram para a fronteira; é preciso pagar as pesadas taxas; uma parte dos habitantes se volta contra a outra e se trata de um episódio de uma luta política que se propaga pelo país inteiro. Mas toda essa agitação se desenvolve num cenário familiar, e que parece não ter sido afetado. (Halbwachs, 2006, p. 93)

No trecho seguinte que diz “nos leva ao tempo em que o santo / descia aqui sideral / para abraçar os escravos / da Bahia colonial, / da Bahia dos sobrados / no estilo dos jesuítas / e ostentado justamente, / como escudo armorial,” percebemos que o santo como entidade do candomblé, descia para abençoar os escravos das chagas da escravidão da Bahia colonial.

Paul Gilroy (2001) tem a seguinte visão sobre esse traço da memória a partir do conceito da diáspora:

Durante a diáspora, os negros criaram um corpo único de reflexão sobre a modernidade e seus dissabores que continua presente nas lutas culturais e políticas de seus descendentes. No entanto, o racismo moderno não reconheceu os negros como pessoas com capacidades cognitivas, ou mesmo com uma história intelectual. Um dos aspectos mais explorados no livro é o reconhecimento da duplicidade como sinal diacrítico da história intelectual do Atlântico Negro – integra o ocidente sem fazer parte completamente dele. (Gilroy, 2001, p. 22)

Ambos os poemas citados corroboram para o pensamento de Gilroy (2001) sobre o negro e o apagamento da sua memória enquanto sujeito que parte forçadamente da sua terra para a América e é tido limitado intelectualmente e submetido ao trabalho braçal e à escravização por parte do colonizador.

Gilroy (2001) repudia a ideia de uma identidade enraizada, supostamente autêntica, natural e estável, veiculada pelo pensamento nacionalista negro nos anos 60. Para ele, a rede de comunicação transnacional criou uma nova topografia de lealdade e identidade que desconsidera as estruturas e os pressupostos do Estado-nação e redefine as formas de ligação e identificação no tempo e no espaço.

Nesse contexto, os negros construíram sua memória através da oralidade e o repasse hereditário da tradição como se observa, no seguinte trecho:

Nas culturas tradicionais africanas, a própria vida vivente era considerada também um processo contínuo de educação. Em algumas delas, até 42 anos o

homem permanecia na escola da vida e não tinha direito à palavra em assembleias, a não ser excepcionalmente. Seu dever era ficar ouvindo, aprofundando os ensinamentos recebidos, até se tornar um mestre, para devolver à comunidade a educação recebida, sem se afastar dos mais velhos com quem continuava aprendendo. (Halbwachs, 2006, p. 79)

Como transcrito acima e analisado por Halbwachs, o poeta negro Sosígenes Costa discutia em sua obra a vida cotidiana dos negros e a importância disso para a educação dessa etnia.

Outro aspecto discutido na obra *Sosigeneana* foi sobre a musicalidade, como forma da construção da identidade e combate à opressão. Outro poema que pode ser analisado no viés da memória com a problemática do negro, é novamente o poema “Seren de Santo”, como ilustra o seguinte excerto:

O sentimento, que eu tenho,
na medida em que é saudade,
é uma tristeza mimosa
que chega a ser musical.
Ao contrário da saudade,
a amargura que me invade
é a mais negra das tristezas
deste mundo ocidental,
pois que explode em desespero,
em revolta, em grito histérico,
e é acudida pelos santos
em público cerimonial
entre agogôs e atabaques
e soleníssimo coral.
(Sosígenes Costa, 1978, p. 174)

O verso que inicia o poema já demonstra sentimento comum à memória, à saudade, quando este diz: “o sentimento, que eu tenho, / na medida em que é saudade, / é uma tristeza mimosa / que chega a ser musical”. Nesse aspecto, Halbwachs (2006, p. 17) é enfático ao afirmar que “assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias.”. Nesse trecho, a saudade remete ao passado vivido, ressaltado por Halbwachs (2006, p. 18) que complementa “dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito, algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer”, todavia, que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu.

Ricoeur (2003) é bem claro com as suas pesquisas sobre a memória ao dizer que ela não deixa de ter recursos. Desde Platão e Aristóteles, fala-se sobre a memória não só em termos de presença/ausência, mas também na questão da lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam *anamnesis*. E quando essa busca termina, fala-se de reconhecimento.

Ricoeur (2003) destaca que o lugar e o papel do testemunho também se demonstram na fase da investigação documental. O testemunho é, num sentido, uma extensão da memória, tomada na sua fase narrativa. Mas só há testemunho quando a narrativa de um acontecimento é publicitada: o indivíduo afirma a alguém que foi testemunha de alguma coisa que teve lugar; a testemunha diz: “creiam ou não, em mim, eu estava lá”. O outro recebe o seu testemunho, escreve-o e conserva-o.

O testemunho é reforçado pela promessa de testemunhar de novo, se necessário. A dimensão fiduciária de todos os tipos de relações humanas é assim trazida à luz: tratados, pactos, contratos e outros tipos de interações que repousam na nossa confiança na palavra do outro. Mas o testemunho é, ao mesmo tempo, o ponto fraco do estabelecer da prova documental. É sempre possível opor os testemunhos uns aos outros, quer no que diz respeito aos fatos relatados, quer no que respeita à fiabilidade das testemunhas.

Em outro poema sosigeneano, denominado “Cantiga banto”, nota-se que a memória é retratada também como lembrança ao citar Zumbi como herói e símbolo da ancestralidade:

Eu vi o herói de Luanda,
eu vi o grande Zumbi.
Eu vi
Lacaia pisando o rei
e o rei fazendo zumbaia
a Zumbi.
Eu vi
rei de Luanda ei
adereço lanim.
Que cousa boa é feitiço
em branco que tem banguê.
Feitiço de bango é bango,
muamba de Dambrubanga
mandinga de Angola ê.
Eu vi lacaia sambando ê
banguelê,
Lacaia mulher-de-saia
Pisando o rei de lanim,
Eta que tango-lo-mango
No samba de iô banda!
Lacaia pisava o rei
e o rei fazia zumbaia

a Zumbi.
 Que linda mungada ei!
 Mungada só de Zumbi...
 (Sosígenes Costa, 1978, p. 167-168)

É deliberada a lembrança de Zumbi como herói do povo negro e como já foi comentado, símbolo da resistência contra a dominação do colonizador. A representação cultural da memória se dá nos trechos como: “Que cousa boa é feitiço / em branco que tem banguê. / Feitiço de bango ê bango, / muamba de Dambrubanga / mandinga de Angola ê. / Eu vi lacaia sambando ê / banguelê, / Lacaia mulher-de-saia / Pisando o rei de lanim, / Eta que tango-lo-mango / No samba de iô banda!”. Os termos “bango”, “dambrubanga” e “banguelê” relaciona-se à musicalidade, servindo para demarcar a musicalidade, lembrado também o “eu” lírico do poeta para celebrar as danças e sambas que os negros criaram ou trouxeram em uma espécie de base, do continente africano, tomando por base a ancestralidade.

Desse modo, a importância de Sosígenes Costa para a literatura brasileira deve ser considerada pela abrangência e força imagética de sua expressão poética que, de fato, não se prendeu a rigor a nenhuma corrente estética, embora tenha mesclado alguns estilos literários, como já mencionado anteriormente.

Por isso, existe uma dificuldade em definir o poeta e sua problemática inclusão, como desejava José Paulo Paes, no quadro de poetas modernistas brasileiros, mas nem por isso podemos negar a necessidade de se resgatar definitivamente a poética de Sosígenes Costa para os estudos literários e culturais no país, sem esquecer de enfatizar a diversidade formal e temática como elemento diferenciador desse autor em relação ao panorama da literatura brasileira.

3. *Considerações finais*

Por mais que se façam análises ainda que breves, concluímos, ao esmiuçar os traços de memória, que estão presentes na obra de Sosígenes, a lembrança do vivido por parte do “eu lírico” e o saudosismo negativo da época em que o homem era escravizado, não tendo direito à sua liberdade. Como vemos, Sosígenes deu voz ao negro como sujeito oprimido ao lembrar do seu passado e desejar a diáspora.

Dessa feita, a obra de Sosígenes Costa retrata o “eu” lírico do poeta para celebrar as danças e sambas, a musicalidade que os negros criaram, além de demarcar a cultura, a história do povo negro que foi escravizado na época do Brasil colônia, e claro, ressaltando a ancestralidade.

Em outras palavras, podemos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade. Mas não se tem nada melhor do que a memória para assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que se declare e lembrar-nos dela. Isto é simultaneamente o enigma e a sua frágil resolução, que a memória transmite à história, mas ela transmite também à reapropriação do passado histórico pela memória, uma vez que o reconhecimento continua um privilégio da memória, do qual a história está desprovida. Mas dele está igualmente desprovida a reapropriação do passado histórico pela memória.

Por fim, pela breve análise da obra de Sosígenes Costa, podemos constatar histórias de um povo sofrido e privado de liberdade. Os poemas de luto e sofrimento e grito de liberdade, oferecendo construções de memória que edificam a cidadania de um povo, mas ao mesmo tempo servem de reconstruções. Tais reconstruções são tão precisas e próximas dos fatos relatados na obra Sosígeneana quanto possível, sendo que o reconhecimento disso subsiste num fosso lógico e fenomenológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Sosígenes. *Obra Poética II*: Edição atualizada. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 88-279
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.
- DAMULAKIS, Gerana. *Sosígenes Costa: o poeta grego da Bahia*. Salvador: Empresa gráfica da Bahia; Fundação Cultural do estado da Bahia, 1996.
- FANNON, Frantz. *Peau Noir, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)*. Trad. de Renato Silveira, Salvador: Edufba, 2008.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HATTNER, Álvaro. A poesia negra na literatura brasileira. *Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários*, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/about/history>. Acesso em: 21 jul 2018.
- LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Acesso em: 03. set. 2018.

MALAFAIA, Jane de Paula. *O modernismo singular de Sosígenes Costa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras. 2007. 141f.

_____. A poesia de Sosígenes Costa: O trajeto de uma obra esquecida. *Terra roxa e outras terras – revista de estudos literários*, Rio de Janeiro: 2008, Volume 12. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em 27 fev 2019.

RICOUER, Paul. *Memória, História, esquecimento*. “Memory, history, oblivion” no âmbito de uma conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Budapest, 2003.